

I- Mulheres - vocação, papel? 1

Porque muita confusão se tem ~~existido~~ na tentativa de "definir" quem são as m e o q fazem, vou distinguir 5 níveis:

1. A mulher é uma das duas formas (géneros) sob os quais conhecemos a espécie humana. Não é ao nível dos caracteres particulares q se faz a distinção entre os sexos. Biológica / todo o ser humano, tem características femininas e masculinas, mas é a configuração predominante das características (gestalt) femininas ou masculinas q determinam o género mulher ou homem.

Não é tão pouco ao nível exclusiva / cultural q a m e o h se definem. Se é certo q a cid de uma e de outro se ~~vão~~ ^{vai} ~~definir~~ girando de acordo c/ os valores culturais ~~dominantes~~ ^{ambientais}, esses valores são h. marcados pela experiência humana colectiva q se aprende enq.^{to} masculina e feminina.

Não faz, pois, sentido, falar de² pessoa humana em abstracto como categoria neutra, ansexuada. Sobre tudo deixa de fazer sentido se a uma terminologia filosófica sem sexo corresponde uma realidade sociológica de discriminação entre a m - nesse caso utilizar o conceito de pessoa humana no abstracto equivale a recuperar^{aferidas} a experiência masculina e a estabelecer-la como paradigma.

No n/ tempo a realidade bi-sexual de pessoa humana é comprometida pelo q ~~se~~ aparentes pertence ao nível de "liberdade sexual" e de "igualdade entre os sexos". Refiro-me, em particular, à camuflagem de domínios masculina q constituem a quase total mixidade de todos os actos e instituições e a generalização de atitudes e comportamentos ~~de~~ características de unisexo.

Nun e noutro caso, é o modelo m^3 culino $\bar{g}$ se impõe e generaliza - das calças em vez de saias à redução dos afectos à mera ejaculação genital.

Neste contexto, falar de "vocaz de mulher" não tem o mais pequeno conteúdo. De facto a $\bar{m}$ é $\bar{m}$ e torna-se $\bar{m}$, não em resposta a um apelo $\bar{g}$ lhe seria dirigido mas como resultado das múltiplas dimensões da existência em $\bar{g}$ cada ser humano se reconhece, se exprime e se realiza. As m^3 existem em condições bem concretas e é, em cada momento da história, a forma como o ser-mulher existe $\bar{g}$ nos diz quem são as m^3 .

2. A m , como o h , ^{define-se} ~~surge~~ na sociedade
não é pela forma como se assume, ~~na~~
(na relação consigo mesma) mas pela
expressão $\bar{g}$ torna a sua relação com
os outros e com o mundo. Nas socie-
dades $\bar{g}$ temos conhecido até agora
as relações de parentesco estruturam
o corpo social mais vasto e têm defi-
nido prioritária a situação das m s.
Assim é $\bar{g}$ tradicional/ as m s são
~~definidas~~ ~~defi~~ descritas como casadas,
colteiras, viúvas, divorciadas.

~~Em si~~ Numa civilização em
 $\bar{g}$ o h é a norma e o eixo de todas
as relações, os "estados de vida" referidos
tendem a subordinar a situação
da m à relação com o h .
E se é certo $\bar{g}$ todo o ~~esforço~~ ^{esforço} de
igualdade entre os h s e as m s
levou a u/civilização a definir,
à escala do planeta e especifica/
através da ONU, a idade mínima de

casamento, o imperativo do consenti/⁵ da
m. p.º casa/, a protecção das m.
viúvas ou divorciadas no q. diz res-
peito ao sustento da família e à
educação dos filhos (permancecendo q.º,
por exemplo, em m.^{os} países, a total
subordinação da m. solteira à família)
de é certo q. tal esforço foi e é necessário,
ele perpetua ~~"a menoridade"~~ q. (mental/
~~se atribui à m.~~ a convicção de q. a
relação da m. ao T. é a situação q.
prioritariamente a define.

Fundação Cindar o Futuro
Para ~~imediatos~~ ^{concretos} os efeitos nega-
tivos de tal convicção, importa~~te~~
definir^{te} o T. pela situação q. o
vincula à m.: solteiro, casado, viúvo,
divorciado, e fazer decorrer daí as
exigências e as condições de execução
de outras actividades.

Todo a ~~estrutural~~ ^{expressão} de indivi-
dualismo à "outrance" q. caracteriza
certas tomadas de posição dos movi-
mentos de libertação das m. aca-

6
bancos por reforçar, paradoxal/, está
visão da situação das ms. Assim se é
certo q a recrudescer de "um lit à soi",
e de "a room of her own" não o justo
grito de vidas inteiras sujeitas a
uma promiscuidade violadora da
utilidade e do mistério da existência,
o q é facto é q as formas assumidas
na prática pelas ms não introduzem
até agora novas formas de estruturas
~~racionais~~ relacionais a sociedade.

Fundação Cuidar o Futuro
Pelo contrário, reforçam a tendência
urbanística tecnocrática e não-com-
munitária e não dizem, ~~q novas~~
~~comunidades~~ porque as não vivem,
as novas condições das comuni-
dades de interesses e de afectos
em q poderá assentar outra ci-
vilização.

É certo q muitas ms - em vi-
são suficiente grande p.º q um salto
qualitativo se pudesse produzir -

tem feito estalar o quadro estreito em $\bar{g}$
a relaç ao $\bar{h}$ se processava e a sua
exclusiva definição social como "mulher
de...". Mas dados os campos de força
a $\bar{g}$ todos os indivíduos se encontram
permanentemente sujeitos, mesmo sem a
eles aderirem pela vontade, a autonomia
procurada não é quem aparece,
pelo menos nesta ^{outra} fase de evolução.
~~Retirada do círculo $\bar{g}$ uma relaç~~
~~heterossexual privilegiada a definição,~~
~~apesar de tudo, de forma única,~~
~~a $\bar{m}$ fica total/ O mimetismo $\bar{g}$~~
atravessa todos os comportamentos
encontra terreno fácil no espírito
e no tempo disponíveis. É assim
 $\bar{g}$ vemos naufragar na mais repeti-
tiva monotonia o $\bar{g}$ na sua sin-
gularidade fora um grito de
liberdade e de autenticidade.

8

Neste contexto, não pode aceitar-se
q̄ a m seja descrita - e q̄ se lhe
atribuam vocações, deveres, missões
em termos de "família" e, especifica-
mente, de família nuclear. ~~A~~ não se q̄
correlativa/ o h o seja h.
Falar da família n diz só res-
peito à m; nem falar de m
equivale só a falar de família.

Estruturas de reciprocidade
entre o h e a m são a exigência
social de igualdade entre os dois
sexos.

~~Como se não pode pôr
tinho novo em odres velhos,
não é em estruturas de comple-
mentariedade q̄ a ^{entre o h e a m} igualdade se
pode exprimir.~~

3. É a mulher, pessoa humana
por inteiro, q̄ se dirige a vocação.

- à m̄ q̄ se assume, q̄ se relaciona
c/ os outros, q̄ interveém no mundo
e na história. A vocação é uma
resultante complexa dum apelo
onde se confundem as "vozes" vindas
d' experiência, os sinais de Deus,
as aspirações sentidas e reflectidas.

~~Tem a sua raiz no desejo e é nele
q̄ se configura a resposta à vocação.~~

Por isso a vocação exprime a
orientação e o sentido, o alcance e a
profundidade de uma vida. Vida
q̄ se inscreve num projecto - matriz
de todas as escolhas, bússola de
todas as decisões, horizonte de
todos os caminhos. É esse projecto
q̄ dá sentido tudo o resto.

Dele dizemos q̄ faz sistema ¹⁰
com as componentes diferenciadas
de vida da m. ~~Todas as relações~~
~~se inscrevem~~ ^{as parte} desse projecto. ~~Todas~~
As actividades são iguais sua
expressão.

O estado de vida das ms não
é pois nunca o equivalente de
vocação. Para q̄ o estado de vida
possa ser assumido numa
vocação, ^{Fundação Cuidar o Futuro} ele tem de fazer
parte de um projecto. n

~~Duas consequências~~ Quando, nos
tempos de hoje, muitas mulheres
~~deixam~~ rompem a relação q̄ susten-
tara o seu casamento, fazem-no
por terem pensado um dia q̄ a
vida a dois era um projecto.
^{UPE} ~~mas~~ a confusão tende a perpetuar-
-se em novas relações, c/ eventuais

12
novas roturas, enquanto a vida não
for assumida como projecto - ou, ^{na} ~~em~~
espiritualidade cristã, como resposta
a uma vocação.

~~Tão pouco é compreensível que
a vocação seja entendida apenas~~

A vocação está longe de ser
definida unicamente ao nível da gestão
da sexualidade. A sexualidade
integrada na vida do m não é
apenas a $\bar{g}$ não tem medo de
assumir os riscos e as renúncias
de uma vida afectiva intensa. É
 h . e sobretudo a sexualidade $\bar{g}$
~~se não transforma a m~~ se conhece
na sua relação específica e pessoal
ao trabalho, ao dinheiro, à auto-
ridade, à violência, ao poder, a tal
mecanismo psicológico, etc. É a
sexualidade $\bar{g}$ que articula c/ os
outros aspectos do projecto de vida.

^{fixa} ~~pois desvirtuada~~ ^{esvaziada} de significado ¹²
a vocação $\bar{g}$ se reduz à gestão da
sexualidade e, no limite, ao estado
de vida. A vocação é um apelo
hoje, coextensiva ao tempo $\bar{g}$ ^{no} ~~é~~ dado
viver e $\bar{g}$ é de hoje. A fidelidade
 $\bar{g}$ (que está associada) não decorre
do estado de vida escolhido no
passado mas da força com $\bar{g}$ ~~o~~
~~futuro invade o presente e torna~~
~~procurada a realização~~ ^{Fundação Cuidar o Futuro} subjetiva
e objetiva do projeto de vida.

É a realização do projeto
de vida $\bar{g}$ é costume chamar
"missão". ~~Não há vocação $\bar{g}$~~
~~que desemboca na missão a~~
~~realizar, embora transcendendo-a~~
~~sempre.~~

4. ~~É~~ É frequente ^{ver} referir-se ao "papel" da mulher. Não há um papel específico da m q a remeta p^r atitudes próprias.

O papel de alguém é a ^{relativa} posição assumida nos conjuntos humanos, nas comunidades. Assim, aquilo a q se chama o "papel" corresponde sempre à expectativa do outro, ao investimento afectivo dos outros, e por isso, necessariamente, aos equilíbrios de poder no seio das comunidades.

É costume dizer q o papel da m é ser mãe. É de facto, em q conjunto humano, há sempre uma ou outra m em relação à qual há uma expectativa de relação maternal. Mas isso

de modo algum significa um dado ^{inmutável} da condic^o da m. em todas as si-
tuac^oes. Na vida das ms hoje
a maternidade, c/ todas as
suas implicac^oes, implica 15 a
20 anos — o mesmo ^{tempo} q implica um
curso me^dio ou universit^orio.

Durante esse periodo, o papel de
mãe será, cert/, importante,
mas atenuat - e noutras fases
e noutras condic^oes de exist^oncia.

Fundação Cuidar o Futuro

Por outro lado, os papéis
assumidos não são independen-
tes do facto de se ser m. São
papel km q ver c/ a inscriç^o
do desejo do outro no curso
ff. comportamento, ele não se
desenha fora da esfera da
sexualidade. ~~Parece-me, po~~

15

Surgem, assim, como perfeita/
contraditórias as posições de
certos grupos (vetero-)feministas
q̄ consideram q̄ os papéis do
h̄ e da m̄ são perfeitas inter-
substituíveis.

Os papéis ligam-se directa/
à condic̄ de ser m̄ e não espe-
cifica à vocac̄. Mantêm laços
de coerência lógica c/ a vocac̄
mas são-lhe, de facto, exteriores
no sentido de q̄ não são "exigidos"
pela própria vocac̄. No interior de
cada vocac̄ inscrevem-se, ~~na~~
~~dado momento~~
~~mesmo período~~ do tempo, todos
papéis quantos as comunidades
humanas a q̄ a m̄ estiver
ligada. E sucedem-se, ao
longo de uma vida, todos papéis
quanto os sucessivos grupos

humanos e a fase $\overline{ff}$ da 16
realizac $\tilde{o}$ da vid $\tilde{a}$ d $\tilde{e}$ m $\tilde{e}$ o
p $\tilde{e}$ cularem.

5. Por $\tilde{u}$ ltimo, as m $\tilde{e}$ s t $\tilde{e}$ m de
realizar numerosas fun $\tilde{c}$ oes.
A fun $\tilde{c}$ ao t $\tilde{e}$ m q $\tilde{u}$ er com o
conjunto de tarefas, ~~bem~~ def $\tilde{e}$ nidas
em relac $\tilde{o}$ a um det $\tilde{e}$ rminado
trabalho a realizar. T $\tilde{e}$ m q $\tilde{u}$ er
cobr $\tilde{e}$ tudo q $\tilde{u}$ e a relac $\tilde{o}$ ao mundo
na sua forma imediata de
interac $\tilde{o}$ c $\tilde{o}$ as coisas, as ideias,
as institui $\tilde{c}$ oes, atrav $\tilde{e}$ s do
trabalho.

A vida das m $\tilde{e}$ s caracte-
na pr $\tilde{a}$ tica
za-se) pela multifuncionali-
dade. $\tilde{E}$ h $\tilde{a}$ paradoxal q $\tilde{u}$ e a
riqueza q $\tilde{u}$ e decorre desse m $\tilde{u}$ lti-

17
Simplicidade de funções tende
hoje, a ser, cada vez mais, redu-
zida aos esquemas tecnocráticos
e unidimensionais, que regem os
agentes da produção.

As funções são independentes
de se ~~ser ou não em~~ m ; são
resposta ao mundo. Não estão
ligadas à vocação. ~~Podem variar~~
~~segundo~~ Não decorrem necessariamente
de um estado de ~~variação~~. ~~Podem~~
Fundação Cuidar o Futuro
Variam c/ os tempos e os lugares
e c/ o trabalho concreto a realizar.
Podem decorrer do papel a ~~ser~~
desempenhar, fazendo parte de
sua economia f_j .